

**Organizadoras**

Heloísa Maria M. M. Penna

Nathalia Tomaz de Lima

**Relato do mestre Gregório a respeito  
das maravilhas da cidade de Roma**

ed. bilíngue



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2018

**Diretora da Faculdade de Letras**

Graciela Inés Ravetti de Gómez

**Vice-Diretora**

Sueli Maria Coelho

**Comissão editorial**

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

**Preparação de originais**

Katryn Rocha

**Diagramação**

Giulia Leroy

**Revisão de provas**

Bruna Honório

Estella Vidotti

**ISBN**

978-85-7758-346-1 (digital)

978-85-7758-345-4 (impresso)

**Endereço para correspondência**

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

*e-mail*: [vivavozufmg@gmail.com](mailto:vivavozufmg@gmail.com)

*site*: [www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)

# **Sumário**

- 5 O prestígio e o poder da imagem cultural de Roma**
- 14 Magistri Gregorii narratio de mirabilibus urbis Romae**
- 15 Relato do mestre Gregório a respeito das maravilhas da cidade de Roma**
- 58 Referências**

## O prestígio e o poder da imagem cultural de Roma

Roma, na origem, foi uma pequena cidade, fundada pelos latinos, na península itálica. Sua excelente situação estratégica e comercial a favoreceu, desde o início, no curso do seu desenvolvimento. Os romanos começaram a ampliar seus domínios, unificando e assimilando povos, gradualmente, mas já no século III a.C., dominavam toda a Itália e, assim, com as subseqüentes conquistas, alcançaram dominar o que se denominava *orbis terrarum*, o mundo conhecido. A colonização romana, como explica Erich Auerbach,<sup>1</sup> distingue-se da maior parte das outras formas de colonização porque foi uma romanização. Isso significa que os povos conquistados se tornaram, aos poucos, romanos. Os colonizados pagavam pesados tributos ao fisco, mas, como os romanos não estavam interessados em tomar suas terras ou alterar seus cultos e a administração das suas cidades, a dominação acontecia a partir do meio cultural. Romanos ou pessoas recentemente romanizadas iam para os centros das cidades dominadas e influenciavam o funcionamento das escolas, dos estabelecimentos de recreação, de esporte e de luxo. As pessoas das classes mais elevadas eram seduzidas pelo prestígio da civilização romana, o latim era introduzido nos órgãos administrativos e aceito para os altos negócios. Com o tempo, as pessoas das outras classes e também as que moravam no campo sofriam a mesma influência e se romanizavam.

<sup>1</sup> AUERBACH. *Introdução aos Estudos Literários*, p. 47.

Esse quadro demonstra como a imagem cultural de Roma fascinou povos de diferentes regiões e culturas desde que a cidade começou a expandir seu domínio para além dos limites do Lácio. No século I a.C., sob o comando de Augusto,<sup>2</sup> houve o estabelecimento da paz (*pax romana*) e isso favoreceu o surgimento de uma elevada poesia. Nesse período, Virgílio compôs a *Eneida* (*Aeneis*), poema épico que é uma celebração de Roma e a maior obra da literatura latina. Ovídio também compôs os seus poemas nessa época, assim como Horácio,<sup>3</sup> Tibulo<sup>4</sup> e Propércio;<sup>5</sup> poetas que influenciariam profundamente todos os outros poetas posteriores.

A força da imagem cultural de Roma, enriquecida pela poesia, explica por que tantas pessoas sentiram o desejo de conhecer a cidade e contemplar as gigantescas construções romanas, os templos, as esculturas, entre outras obras impressionantes. E mesmo após o declínio e queda do Império, as invasões bárbaras<sup>6</sup> e a expansão cristã, que destruíram grande parte dos monumentos pagãos, a cidade resistiu e continuou despertando interesse. De fato, segundo Auerbach,<sup>7</sup> à romanização sucedeu a cristianização e Roma, quando já não possuía poderio político, adquiriu um império espiritual, sendo sede do papado e centro da organização da Igreja Católica.

## O relato do mestre Gregório

Escrito, provavelmente, entre os séculos XII e XIII, o *Relato do mestre Gregório a respeito das maravilhas de Roma* é um documento importante

<sup>2</sup> Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus (63 a.C. – 14 d.C.), herdeiro político de Júlio César, governou o império de 27 a.C. até a sua morte.

<sup>3</sup> Quintus Horatius Flaccus, 65-8 a.C., célebre poeta lírico e satírico.

<sup>4</sup> Albius Tibullus, 60?-19? a.C., poeta elegíaco do mesmo círculo literário de Ovídio.

<sup>5</sup> Sextus Propertius, 45?-15? a.C. poeta elegíaco, contemporâneo de Tibulo.

<sup>6</sup> O Império Romano, pouco depois do início da Era Cristã, começou a ter sérios problemas na sua organização interna (como a alteração da composição do exército, por exemplo), que dificultaram a sua manutenção. Após a morte do imperador Alexandre Severo, no século III d.C., houve um período muito turbulento, vários imperadores foram assassinados, e os inimigos externos empreenderam muitos ataques contra Roma, centro do Império.

<sup>7</sup> AUERBACH. *Introdução aos Estudos Literários*, p. 61.

para a compreensão da história de Roma nesse período, pois revela uma perspectiva singular da cidade. Trata-se de um exemplar de um gênero textual muito desenvolvido na Idade Média que podemos classificar como *Guia dos lugares interessantes de Roma*. Esses guias, a princípio, eram apenas enumerações dos monumentos, palácios, templos, lugares históricos e estátuas, para que os peregrinos e turistas se orientassem durante as suas visitas à cidade. Depois, tornaram-se mais elaborados, com descrições mais detalhadas. O relato do mestre Gregório, porém, destaca-se porque não apenas enumera pontos da cidade, mas também apresenta uma visão subjetiva e erudita de Roma, com as marcas das transformações do pensamento do final da Idade Média. De acordo com Alberto Daniel Anunziato,<sup>8</sup> Gregório deixa transparecer uma percepção da cidade que oscila entre a visão medieval, maravilhada pela magia que teria feito funcionar o Império, e a visão moderna, encantada com a beleza legada pela Antiguidade. Há apenas um manuscrito do relato e está, atualmente, em St. Catharine College, em Cambridge, na Inglaterra.

O *Relato do mestre Gregório* é composto por um prólogo e 33 capítulos de tamanhos irregulares; alguns mais extensos, outros bem curtos. São descritos diversos monumentos admiráveis: estátuas de bronze, de ferro e de mármore, palácios, templos, arcos de triunfo, pirâmides e outras construções como um aqueduto, um teatro e um balneário. A estrutura dos capítulos consiste, primeiramente, de uma descrição do estado em que se encontra o monumento, seguida das informações que o autor obteve dos cardeais e de outras pessoas, uma síntese da biografia da figura retratada na obra e a apreciação do monumento. Há também algumas retomadas de obras já descritas em capítulos anteriores. Do terceiro ao nono capítulo, o autor trata das estátuas de bronze; nos capítulos 10 e 11, de obras de maior dimensão: um balneário e um teatro; nos capítulos 12 e 13 das imagens de mármore e, nos capítulos seguintes, das grandes construções como os palácios, arcos triunfais e pirâmides. Não parece haver a intenção de estabelecer uma ordem por tipo de obra no relato, mas a de apresentar os monumentos na medida em que iam sendo visitados.

<sup>8</sup> ANUNZIATO. *Circe Clás. Mod. (en línea)*, p. 8.

A maior parte das obras descritas pelo mestre Gregório não sobreviveram até os nossos tempos. A estátua do Colosso de Nero<sup>9</sup> (*Colossus Neronis*), por exemplo, que ficava ao lado do anfiteatro Flávio e que o fez ser conhecido como Coliseu, não existe mais. O mestre Gregório relata que viu partes dessa estátua, a cabeça e a mão direita, diante do palácio do papa. Outras obras podem ter sido conservadas, mas não são conhecidas hoje pelos nomes indicados por Gregório. As descrições das obras e construções nos fazem ter ideia, portanto, de como era Roma entre os séculos XII e XIII e também de como as pessoas, de modo geral, relacionavam-se com os monumentos. Gregório consegue descrever, de forma resumida e única, as relíquias e ruínas de Roma existentes no momento da sua visita e, além disso, contar o efeito que a contemplação dessas obras maravilhosas provocou em seu espírito.

## **O autor e suas referências**

Os dados a respeito do autor do relato, mestre Gregório, são obtidos a partir da leitura do próprio texto, uma vez que não foram encontradas informações externas a obra.

O relato sobre as maravilhas de Roma demonstra que ele foi um homem de refinada erudição e que a sua percepção da cidade estava condicionada por um filtro literário. Ao avistar Roma pela primeira vez, por exemplo, ele se recorda de uma passagem do poema de Lucano em que César contemplava as Gálias vencidas.

É possível que o mestre Gregório tenha sido um eclesiástico, já que afirma ter conversas com os cardeais e obter esclarecimentos da parte deles e também porque a Igreja, nesse período, detinha o monopólio da atividade intelectual e literária. No seu relato, no entanto, ele narra o que lhe foi transmitido ou descreve o estado em que os monumentos se encontram sem demonstrar devoção religiosa ou fazer julgamento moral das atitudes tomadas pelos líderes religiosos. Além disso, ele não indica locais sagrados para os cristãos como o cônego Benedicto indica, pouco

<sup>9</sup> Nero Claudius Caesar Augustus Germanicus (37-68 d.C.) foi o último imperador ligado a Augusto e reinou do ano 54 até a sua morte.

tempo antes, por volta de 1140,<sup>10</sup> no guia *Mirabilia Urbis Romae*.<sup>11</sup> No texto do mestre Gregório, contudo, é evidente o seu maravilhamento diante das obras e também o seu desejo de conhecer a origem delas, o motivo da composição, o material utilizado, a medida de cada uma, entre outras informações. Por alguns monumentos, o autor se interessa tanto a ponto de expor mais de uma opinião a respeito deles, pois desconfiava da veracidade ou não acreditava em algumas versões que lhe foram contadas sobre o motivo de composição das obras. Em algumas passagens, maravilhado pelo que vê, ele confessa a sua dificuldade em exprimir, por meio das palavras, a beleza de uma cidade tão grandiosa.

Um elemento importante do relato do mestre Gregório é a citação de versos de poemas dos grandes poetas da literatura latina. Essas citações, em alguns momentos, parecem ter vindo espontaneamente à memória do autor; em outros, parecem terem sido cuidadosamente selecionadas para tornar o relato mais interessante.

O autor romano mais citado pelo mestre Gregório é Lucano. Em quatro capítulos, ele cita versos inteiros ou parafraseia trechos do poema A Guerra Civil (*Bellum Civile*) ou Farsália (*Pharsalia*). Lucano (Marcus Annaeus Lucanus – 39-65 d.C.) é um poeta da época do imperador Nero e a sua única obra preservada é esse poema épico-histórico que, contrariamente à tradição épica, não contém elementos mitológicos. O tema do poema é a Guerra Civil de 49-47 a.C. empreendida por Júlio César e Cneu Pompeu e apontada pelo poeta como o início da derrocada da República e o momento decisivo para o estabelecimento futuro do Império. É interessante observar que o mestre Gregório nomeia o poeta em apenas um dos capítulos (25); nos outros, ele apenas cita o verso ou parafraseia um trecho do poema (1 e 2) ou diz que o que citará é da autoria de alguém íntimo da filosofia (*quidam familiaris philosophiae*) (6). Pode-se considerar que ele não diz o nome do autor porque citava os versos de memória<sup>12</sup>

<sup>10</sup> De acordo com Anunziato (2010), há probabilidade de o relato do mestre Gregório ter sido escrito entre os anos 1226 e 1236.

<sup>11</sup> O *Mirabilia Urbis Romae* é um guia com a enumeração de pontos históricos de Roma, entre eles os locais dos sofrimentos dos santos (*locis que inveniuntur in sanctorum passionibus*).

<sup>12</sup> Havia, durante a Idade Média, muitos obstáculos, como o preço e o material de composição dos livros,

e não se recordava do nome do poeta ou porque pressupunha que os seus leitores reconheceriam os versos e identificariam o autor.

Gregório também cita versos de Virgílio (Publius Virgilius Maro – 70-19 a.C.), o maior poeta romano, em dois capítulos e, nas duas vezes, o nomeia. Na primeira menção a uma obra virgiliana, no capítulo 29, o autor cita três versos da quinta *Bucólica*. Esses versos são apresentados pelo mestre Gregório como tendo sido escritos por Virgílio para o epitáfio de Júlio César. Isso demonstra que o autor do relato não só conhecia bem a obra virgiliana, como também os comentários literários a respeito dessa obra, pois toma como certa a identificação do pastor Dáfnis com Júlio César e o que está sendo cantado no poema como uma alusão à suposta apoteose do general romano. A segunda citação, no capítulo 31, é de um trecho do livro III da *Eneida*. Impressiona bastante o fato de os versos citados por Gregório dialogarem com a imagem retratada, enriquecendo a inspeção da cidade por meio da literatura e demonstrando o importante papel desempenhado pelos poetas na construção, divulgação e preservação da imagem cultural de Roma.

Os poemas de Ovídio (Publius Ovidius Naso – 43 a.C.-17? d.C.) também compõem o repertório de leituras do mestre Gregório. Ele cita parte de um verso do poema didático *A arte de amar* (*Ars Amatoria*) e os dois primeiros versos do segundo livro das *Metamorfoses* (*Metamorphoses*).

Além desses poetas latinos canônicos, o mestre Gregório também cita os versos iniciais do poema *Ruína da cidade de Roma* (*Urbis Romae Ruina*) de Hildeberto (Hildebertus Cenomanensis – 1056-1133). De acordo com Afonso Arinos de Melo Franco (1982), Hildeberto foi um prelado francês, bispo de Tours, douto teólogo, poeta e pregador, que visitou Roma em missão política alguns anos depois de a cidade ter sofrido um dos maiores atentados de sua história, empreendido pelo Duque Roberto Guiscard, do povo normando, em 1084. Os versos do poema de Hildeberto citados pelo mestre Gregório revelam a força de uma cidade que se mantém gloriosa mesmo estando em grande parte arruinada. O autor do relato também menciona Suetônio (Caius Suetonius Tranquillus 69?-141? d.C.) em um

que tornavam o acesso bastante restrito.

dos capítulos, mas, curiosamente, a informação a qual ele faz referência não consta nos escritos do historiador e biógrafo romano.

## A língua do texto

O *Relato do mestre Gregório*, por se tratar de um texto escrito em latim entre os séculos XII e XIII, apresenta certas especificidades; algumas delas são comuns aos textos dessa época e outras são traços distintivos da escrita desse autor. Não há informações precisas sobre o país de origem do mestre Gregório. De acordo com os estudiosos,<sup>13</sup> ele não era italiano porque o texto não contém vocabulário característico do latim vulgar<sup>14</sup> e próprio dos dialetos dos habitantes da Itália. Independentemente da nacionalidade do autor, no entanto, para a análise do texto é importante considerar que Gregório produziu o seu relato sobre a cidade de Roma em uma época em que o latim era a língua escrita privilegiada,<sup>15</sup> mas já havia passado por muitas modificações na sua modalidade falada. Outro fator importante ao qual se deve atentar é o de que o relato tem função, principalmente, informativa, e o autor, por não ter ambições literárias, empregou uma linguagem mais objetiva.

O latim medieval, como demonstra Mario Curtis Giordani,<sup>16</sup> continua, em sua gênese, elementos do latim clássico, do latim vulgar e do latim cristão. O texto revela que o mestre Gregório tinha muito conhecimento da gramática latina, pois empregou os casos corretamente e ainda utilizou formas, como o particípio futuro passivo (gerundivo), que são típicas do latim clássico.

Observa-se, no entanto, que as palavras estão dispostas praticamente na ordem da leitura. Outra característica muito evidente do latim vulgar é o emprego constante do acusativo e do ablativo preposicionados. Embora o mestre Gregório utilize as preposições com os casos corretos,

<sup>13</sup> ANUNZIATO. *Circe Clás. Mod. (en línea)*, p. 3.

<sup>14</sup> Latim vulgar é o nome dado a modalidade falada da língua latina e que deu origem às línguas românicas.

<sup>15</sup> Durante a Idade Média, o latim era uma língua internacional e se adaptou às diferentes necessidades da vida intelectual.

<sup>16</sup> GIORDANI. *História dos Reinos Bárbaros*, p. 163.

a utilização recorrente delas demonstra que as distinções semânticas dos casos já tinham se perdido e que a língua latina, mesmo na escrita, distanciava-se do padrão morfológico e sintético e se tornava mais sintática e analítica. No que se refere a traços do latim cristão, verifica-se a ocorrência de palavras como *ecclesia* (igreja) e *demonum* (demônio), que são do vocabulário religioso, vindas da língua grega através das traduções dos Evangelhos.

O texto de Gregório apresenta, ainda, algumas características que parecem ser próprias da escrita desse autor. Há um excesso de advérbios de afirmação (*quidem, videlicet, etiam*) e a conjunção adversativa *autem* é empregada com muita frequência, até mesmo em contextos nos quais não parece haver uma relação, nem mesmo atenuada, de oposição entre os termos. Um outro traço da escrita dele é a repetição de certos adjetivos ou locuções adjetivas que expressam seu encantamento pela beleza ou dimensão dos monumentos de Roma: *mirandus (est), mirus, mirabilis*.

Observa-se também uma variação de registro: o prólogo possui uma linguagem muito mais elaborada do que o restante do texto. As estruturas desse trecho estão mais próximas do latim clássico. Na frase: *Ceterum ualde uereor conferenti relatione sacrum studium uestrum et lectionis diuinae interpolare delicias*, por exemplo, o verbo depoente *uereor* forma uma locução com *interpolare*, no infinitivo e, entre os dois termos, há uma sequência de ablativo mais dois acusativos coordenados.

Além disso, no prólogo, o autor faz uma comparação interessante entre os textos e os pratos de um banquete, elogiando metonimicamente os seus leitores em razão dos textos que leem, ou seja, do que se alimentam. Ele enfatiza o motivo que o fez escrever o relato e as suas dificuldades para cumprir a tarefa, manifestando modéstia. Isso pode ser um indício de que o autor era um conhecedor dos princípios da retórica. No mais antigo manual de retórica escrito em latim, a obra *Retórica a Herênio*, comumente atribuída a Cícero, uma das maneiras ensinadas para obter a benevolência do ouvinte sem ser arrogante é mencionar que se fez o discurso para o bem dos amigos e também declarar as próprias

desvantagens.<sup>17</sup> O relato, como parece, alcançou o objetivo pretendido e foi conservado para os leitores de tempos posteriores, tornando-se um testemunho interessante de um momento da história de Roma.

<sup>17</sup> CÍCERO. *Retórica a Herênio*, 1, 3. (Numeração referente a livro e verso, respectivamente.)

## **Magistri Gregorii narratio de mirabilibus urbis Romae**

Incipit prologus magistri Gregorii de mirabilibus quae Romae quondam fuerunt uel adhuc sunt et quorum uestigia uel praesens memoria hodieque manet.

Multo sociorum meorum rogatu et praecipue magistri Martini et domini Thomae et aliorum plurium delictissimorum meorum cogor quae apud Romam maiori admiratione digna didici, scripto assignare. Ceterum ualde uereor parum conferenti relatione sacrum studium uestrum et lectionis diuinae interpolare delicias, et aures summorum doctorum sermonibus assuetas rudi oratione offendere erubesco: quis enim deliciis assuetos conuiuas aridae et rusticanae cenae praesumat inuitare? Hinc est quod cunctabundam manum operi promisso coactus impono, quoniam, dum incompositi sermonis mei nuditatem attendo, saepe sumpturus calamum mentem a proposito reuoco. Sed uicit tandem apud me uotum consodalium uerecundiam meam, qui, ne ueritati promissae obuiarem, sumpto calamo in manu rudi et minus perita, opus promissum quo melius potui in hunc modum persolui.

Explicit prologus.

Incipit narratio de mirabilibus urbis Romae quae uel arte magica uel humano labore sunt condita.

## **Relato do mestre Gregório a respeito das maravilhas da cidade de Roma**

Inicia-se o prólogo do mestre Gregório a respeito das maravilhas que outrora existiram ou ainda existem em Roma e das quais permanecem vestígios ou memória viva ainda hoje.

Pelo muito rogar de grande parte dos meus companheiros e, principalmente, do mestre Martin e do senhor Tomás e de muitos outros dos meus mais diletos, sou levado a firmar à escrita as maravilhas dignas de maior admiração que conheci, estando em Roma. Porém, temo muito interferir com um relato resumido e pouco importante no vosso estudo sagrado e nas delícias das divinas leituras e, envergonho-me de ofender, com discurso rude, os ouvidos habituados aos sermões dos maiores sábios: quem, pois, presumiria convidar para um jantar pobre e rústico convivas habituados às delícias? Diante disso, coagido coloco a mão hesitante na obra prometida porque, enquanto atento para a pobreza do meu desordenado discurso, frequentemente afasto a mente do propósito ao tomar a pena. Mas, enfim, o pedido dos companheiros venceu a minha vergonha e, para que não me desviasse da minha assegurada verdade, tendo a pena aplicada com mão rude e menos perita, cumpri a obra prometida da melhor maneira que pude.

Termina o prólogo.

Começa a narração a respeito das maravilhas da cidade de Roma que foram construídas por arte mágica ou por trabalho humano:

I. Vehementius igitur admirandam censeo totius urbis inspectio-  
nem, ubi tanta seges turrium, tot aedificia palatiorum, quot nulli hominum  
contigit enumerare. Quam cum primo a latere montis alonge uidissem,  
stupefactam mentem meam illud Caesarianum subiit, quod quondam uic-  
tis Gallis cum Alpes superuolaret inquit, magnae miratus moenia Romae:

“Tene, deum sedes, non ullo Marte coacti deseruere uiri?  
Pro qua pugnabitur urbe? Dii melius,” et cetera.

Paulo post: “Ignauae manus liquere urbem, capacem turbae  
humani generis, si coiret, et Romam inuocans, instar summi numinis eam  
appellat.” Cuius incomprehensibilem decorem diu admirans deo apud me  
gratias egi, qui magnus in uniuersa terra ibi opera hominum inaestima-  
bili decore mirificauit. Nam licet tota Roma ruat, nil tamen integrum sibi  
potest aequiperari; unde quidam sic ait:

“Par tibi, Roma, nihil, cum sis prope tota ruina:  
Fracta docere potes, integra quanta fores.”

Cuius ruina, ut arbitror, docet euidenter cuncta temporalia proxime  
ruitura, praesertim cum caput omnium temporalium Roma tantum cotidie  
languescit et labitur.

II. Huius urbis portae XIII sunt, quarum haec sunt nomina: Porta  
Aurea, Porta Latina, Porta Sacra, Porta Salaria, Porta Marcia, Porta Liuia,  
Porta Collatina, Porta Flaminea, Porta Numantia, Porta Appia, Porta  
Tiburtina, Porta Aquileia quae nunc sancti Laurentii dicitur, Porta Asinaria.

1. Julgo, pois, que a inspeção de toda a cidade deva ser admirada com mais veemência, onde há tantos campos de torres e tão grande número de construções de palácios que nenhum dos homens alcançou numerar. Logo que, primeiro, avistei a cidade, ao longe pela lateral do monte, veio à minha mente estupefata o famoso César que, certa vez, ao atravessar os Alpes, teria avistado, de cima, as Gálias vencidas e, disse, admirando a grande muralha de Roma:

“Acaso a ti, morada dos deuses, os homens sem a motivação de Marte abandonaram?  
Por qual cidade hão de combater? Os deuses melhor combaterão.”<sup>18</sup>

Pouco depois: “Mãos covardes deixaram a cidade capaz de conter uma multidão de todo tipo de homens, se reunisse pedindo por Roma, dizem ter o valor de uma grandeza divina.”<sup>19</sup> Diante de incompreensível formosura, durante muito tempo, dei graças a Deus que, grande em toda a Terra, nesse lugar ampliou as obras dos homens com beleza inestimável. De fato, Ele permite que toda Roma arruíne-se, mas nada intacto, contudo, pode ser equiparado a ela, donde alguém assim diga:

“Igual a ti, Roma, nada, ainda que estejas quase toda em ruína:  
Se destruída, podes ensinar, quanto poderia se estivesses intacta!”<sup>20</sup>

Sua ruína, como avalio, ensina que todas as coisas temporais muito em breve hão de arruinar-se, sobretudo a cabeça de todas as coisas temporais, Roma, que tanto se enfraquece e cai diariamente.

2. As portas desta cidade são quatorze, das quais estes são os nomes: Porta Áurea, Porta Latina, Porta Sacra, Porta Salaria, Porta Márcia, Porta Lúvia, Porta Colatina, Porta Flamínea, Porta Numância, Porta Ápia, Porta Tiburtina, Porta Aquileia, Porta Santo Laurência, recentemente assim denominada, e Porta Assinária.

<sup>18</sup> LUCANO. *Farsália*, III, 91-92. (Numeração correspondente a livro e verso, respectivamente.)

<sup>19</sup> Paráfrase de trechos iniciais da *Farsália*.

<sup>20</sup> HILDEBERTO. *A ruína da cidade de Roma*, 1-2. (Numeração correspondente a verso.)

III. Et primum quidem de signis aeneis huius urbis disseram. De primo signo aeneo. Primum signum aeneum taurus est in specie illius, quo Iupiter Europam iuxta fabulam decepit. Hoc autem signum eminens a uallo castris Crescentii tanto pollet artificio, ut inspicientibus mugituro et moturo similis uideatur.

IV. De secundo signo. Aliud signum aeneum est ante palatium domini papae, equus uidelicet immensus et sessor eius. Quem peregrini Theodericum, populus uero Romanus Constantinum dicunt, at cardinales et clerici Romane curiae seu Marcum seu Quintum Quirinum appellant. Hoc autem memoriale mira arte perfectum super quattuor columnas aereas antiquitus ante aram Iouis in Capitolio stabat, sed beatus Gregorius equitem et equum suum deiecit et quattuor columnas praefatas in ecclesia beati Iohannis Lateranensis posuit. Romani uero equitem cum equo ante palatium domini papae posuerunt. Eratque equus et eques et columnae optimae deauratae, sed pluribus in locis partem auri Romana abrasit auaritia, partem uero uetustas deleuit. Sedet autem eques manum dexteram dirigens tamquam populo loquens uel imperans; sinistra manu frenum retentat, quo caput equi in dexteram partem obliquat, tamquam alio diuersurus. Auicula etiam quam cuculam uocant inter aures equi sedet et nanus quidam sub pede equi premitur, miram morientis et extrema patientis speciem repraesentans.

3. Primeiramente, pois, dissertarei a respeito das estátuas de bronze desta cidade. A primeira estátua de bronze é um touro de aparência igual à da fábula em que Júpiter enganou Europa. Esta estátua ficou conhecida pela proteção ao acampamento de Crescêncio, e é tão potente pelo artifício que, aos que a observam, parece prestes a mugir e movimentar-se.

4. A respeito da segunda estátua. Há outra estátua de bronze diante do palácio do senhor papa: um cavalo imenso e seu cavaleiro, a quem os estrangeiros chamam de Teodorico; o povo romano, por sua vez, de Constantino e os cardeais e clérigos da cúria Romana chamam de Marco ou de Quinto Quirino. Esse memorial de arte admirável e em perfeito estado de conservação ficava, desde a Antiguidade, sobre quatro colunas de bronze, diante do altar de Júpiter, no Capitólio, mas o beato Gregório retirou o cavalo e seu cavaleiro e os colocou sobre as quatro colunas, já mencionadas, no templo do beato João de Latrão. Os romanos, por sua vez, levaram o cavalo com o cavaleiro para a frente do palácio de propriedade do papa. Possuíam o cavalo, o cavaleiro e as colunas um ótimo douramento, porém, em muitos pontos, a cobiça Romana raspou parte do ouro e o passar do tempo destruiu outra parte. Permanece, no entanto, o cavaleiro dirigindo a mão direita ao povo como se discursasse ou comandasse; na mão esquerda retém o freio com o qual torce a cabeça do cavalo para o lado direito, como se fosse combater. Além disso, uma avezinha que chamam de cuco está pousada entre as orelhas do cavalo e um certo anão é pressionado sob a pata do cavalo, representando a figura do que sofre as coisas extremas e do que morre.

Hoc autem opus admirabile sicut diuersa sortitum est nomina, sic et diuersas compositionis causas suscepit. Ceterum peregrinorum et Romanorum super hac re uanas fabulas penitus declinabo eamque originem huius operis assignabo, quam a senioribus et cardinalibus et uiris doctissimis didici. Qui Marcum appellant, hanc compositionis causam assignant. Rex Mesenorum, corpore quidem nanus, peritia uero artis nigromantiae praua prae cunctis mortalibus imbutus, cum finitimos sibi reges subiugauisset, regnum Romanorum aggressus est, cum quibus facili euentu plurima bella gessit. Quippe et robur hostium et aciem armorum arte magica ita prestrinxit, quod hostes uirtutem ferendi et arma usum secandi penitus amiserunt.

Unde facile superior factus in omni certamine Romanos tantum castris coegit confidere, ad ultimum autem eos arta obsidione circumdedit. Obsessi itaque Romani nullum subsidium sibi reperire potuerunt. Magus etenim ille memoratus singulis diebus ante lucis ortum extra castra solus egrediebatur auisque a castris quantum clamor auditur appellantis, artem magicam solus in agro exercuit ibique uerbis quibusdam secretis et prestigiis potentibus obtinuit, ne Romani ullam uirtutem uictoriae contra eum possent exercere.

Quod cum a Romanis compertum esset et ex multa consuetudine didicissent eum ita a castris exire, quendam militem strenuissimum Marcum nomine adierunt. Cui summum honorem promiserunt, si se uellet periculo opponere ut urbem ab illa obsidione liberaret dominiumque ei libertate urbis pepigerunt et memoriale sempiternum promiserunt. Quibus cum prono fauore paruisset, sanctito foedere protinus murum et antemurale ex ea parte, qua rex praedictus exire solebat, noctu perforauerunt, ubi miles memoratus cum equo suo transire posset.

Essa obra admirável, no entanto, como lhe coube nomes opostos, assim também sustentou-se causas contrárias de composição. Desviarei totalmente das histórias vãs dos romanos e dos outros peregrinos a respeito desse assunto e atribuirei a origem dessa obra, a que aprendi com os mais velhos e com os cardeais e homens muito instruídos. Os que a chamam de Marco, assinalam a causa seguinte como o motivo da composição. O rei dos Messenos, de corpo deveras pequeno, imbuído do vicioso conhecimento da arte da adivinhação, acima de todos os mortais, como tivesse subjugado a si os reis vizinhos, atacou o reino dos Romanos, com os quais, em situações favoráveis, produziu várias guerras. Com efeito, de tal forma restringiu o poder do inimigo e a batalha das armas com artifício mágico que os inimigos perderam completamente o vigor de ferir e a habilidade de golpear com as armas.

Por isso, sem esforço, o rei, tendo se tornado superior em todo o certame, coagiu os romanos a confiar apenas nos acampamentos e, por último, encerrou-os em apertado cerco. E assim, os romanos sitiados não puderam conseguir nenhuma tropa auxiliar. No entanto, o mago já mencionado saía sozinho todos os dias dos acampamentos antes do nascer do sol e de lá ouvia-se, perfeitamente, o canto de uma ave suplicante; então, isolado no campo, exercitava sua arte mágica e aí ocupava-se de algumas palavras secretas e de potentes prestidigitações a fim de que os romanos não pudessem manifestar qualquer força de vitória contra ele.

Como tivesse sido descoberto pelos romanos e, por tal costume frequente, eles tivessem percebido como ele saía do acampamento, procuraram um certo soldado muito vigoroso de nome Marco. Prometeram-lhe um cargo honorífico, se quisesse se expor ao perigo para que liberasse a cidade daquele cerco e acordaram com ele uma propriedade pela liberdade da cidade e lhe prometeram, ainda, um memorial sempiterno. Como se mostrasse favorável ao interesse deles, por meio de uma aliança estabelecida, logo em seguida, perfuraram durante a noite o muro e a antemuralha da parte por onde o tal rei mencionado costumava sair para que o soldado pudesse passar com o seu cavalo.

Deinde ei consilium suum aperiunt, uidelicet ut nocte exiens regem Misenorum a castris egredientem non armis aggrederetur, quibus minime laedi potuisset, set manu raptum intra muros reciperet. Quorum consilio omnino paruit et de nocte media murum exiuit. Cumque auroram uigili animo exspectaret, cuculus ut assolet cantum emisit, signum scilicet lucis orientis. Quo eques admonitus ascenso equo, regem tunc primum frustra magica arte occupatum conspicit et eo uasto impetu raptus, improuiso casu magum manu raptum infra murum recepit.

Quem in conspectu populi, metuentis ne si capto fandi moram concederent, se per artem magicam liberaret, sub pedibus equi sui contritum occidit: non enim armis ei quisquam nocere potuit. Deinde portis apertis, rege perempto exercitum perturbatum et in fugam conuersum inuadunt et occidunt maximaque copia in ea pugna capta et caesa est. Nec ulla spolia tantum Romanorum ditauerunt aerarium, et ob huius beneficii commodum praetaxatum ei memoriale statutum est. Cui equum adhibuerunt, quia ueloci cursu profuit, auem, quia nuntia lucis exstitit. Nanum autem sub pedibus equi posuerunt, quia protritum occubuit.

Depois, esclareceram-lhe o plano: quando a noite acabasse, atacaria sem o uso de armas o rei dos Missenos. Este, enquanto saía dos acampamentos, não poderia ser ferido, por isso com a mão o puxasse, raptado, para dentro dos muros. O soldado seguiu todo o plano deles e, no meio da noite, atravessou o muro. Enquanto esperava a aurora com o ânimo vigilante, o cuco, segundo o costume, emitiu um canto, evidentemente sinalizando o nascer do sol. Assim, o cavaleiro, advertido, montado no cavalo, avistou então primeiramente o rei, ocupado em vão com a arte mágica e, com grande impulso, num improviso, puxou o mago com a mão para o seu lado do muro.

Matou-o, esmagado, sob as patas de seu cavalo, pois sob o olhar do povo, temia-se que concedessem ao aprisionado tempo demorado para dizer algo e ele se libertasse por arte mágica: de fato, ninguém pôde causar-lhe mal com armas. Em seguida, estando as portas abertas e o rei aniquilado, marcham sobre o exército desgovernado posto em fuga e o destroem. Assim, grande quantidade de soldados foi capturada e morta nessa batalha. Nenhum dos espólios enriqueceu tanto os tesouros dos Romanos. E então, por causa do acordo estabelecido por tal benefício, foi-lhe construído um memorial. Atribuíram-lhe um cavalo porque foi eficiente no curso veloz e uma ave porque manifestou a mensagem da luz. O anão, no entanto, colocaram sob as patas do cavalo, já que morrera esmagado.



A estátua descrita neste capítulo e no próximo, atualmente, é identificada como sendo uma representação do imperador Marco Aurélio (121-180 d. C.) e compõe o acervo do Museu Capitolino. Uma réplica dela é exibida na Piazza del Campidoglio.

V. Alia causa compositionis huius signi. Qui uero Quintum Quirinum dicunt, hanc causam assignant. Tempore quo Quintus Quirinus rem publicam rexit, in palatio Sallustiano terra magno hiatu dissiliit, unde ignis sulphureus et aer corruptus exiuit, quibus orta grauissima pestilentia magnam partem Romanorum deleuit. Cumque tabe morientium pestilentia cotidie sumeret incrementum, Phoebus consulto didicerunt quod nunquam cessaret, nisi aliquis Romanorum se sponte hiatu praefato praecipitaret, praeferebat salutem populi suae propriae saluti.

Itaque quendam ciuem Romanorum, generosae quidem stirpis, set aetate et ignauia inutilem sibi et urbi uitam degentem, exorauerunt ut se uictimam pro salute uniuersae urbis faceret, ea quidem conditione, quod progeniem eius totam ditarent et in numero potentum susciperent. Qui id omnino renuens, respondit sibi nihil prodesse posteritatis gloriam suscipere si uiuus regionem intraret tartaream.

Deinde uero, cum in tota urbe nullum penitus inuenirent qui ad ullam conuentionem huiusmodi uictimam uellet persolvere, Quintus Quirinus coram contione totius urbis sic ait: ¶Saepe in ancipiti casu bellorum pro re publica periculum subiui mortis. Nunc autem, cum nemo reperitur qui salutem populi sui praeferat propriae saluti, princeps ego orbis et urbis huius dominus paratus sum pro salute ciuium uiuus tartareum ingredi aditum, idque coniugi meae et liberis et toti posteritati meae inconcusse seruari uolo, quod ignauis promissum est.¶ Et ascenso equo coram cunctis alacer et intrepidus, tamquam conuiuium aditurus, se cursu ueloci in aditum praefatum praecipitauit.

5. Outro motivo de composição dessa estátua. Os que afirmam, com certeza, ser Quinto Quirino, atribuem a isto o seguinte motivo. No tempo em que Quinto Quirino governou a república, no palácio Salustiano, a terra abriu-se em uma grande fenda, de onde saiu fogo sulfúrico e ar deteriorado. Por essa razão, iniciou-se uma peste muito grave que aniquilou grande parte dos Romanos. E, como a putrefação dos que morriam por causa da pestilência todos os dias crescesse, Febo foi consultado, e foram informados de que a peste nunca cessaria, a menos que algum dos romanos de livre e espontânea vontade se lançasse na fenda, já mencionada, colocando o bem-estar do povo à frente do seu próprio bem-estar.

E assim, procuraram insistentemente por algum cidadão romano, de princípio realmente generoso, mas que pela idade e indolência levasse uma vida inútil a si e à cidade para que se fizesse vítima pelo bem-estar de todos. Como recompensa, eles enriqueceriam toda sua descendência e a elevariam à categoria dos poderosos. Todos os que se opuseram totalmente a isso, responderam que nada poderiam receber para si da glória da posteridade se entrassem vivos na região do Tártaro.

Então, como em toda cidade não encontrassem, definitivamente, ninguém que, por acordo de tal natureza, quisesse sofrer como vítima, Quinto Quirino, perante a assembleia de toda cidade, assim diz: "Muitas vezes, em situação desfavorável de guerra, em prol da república, suportei perigo de morte. Agora também, como ninguém se apresenta para oferecer-se pelo bem-estar do povo em detrimento do seu próprio bem-estar, eu, primeiro e soberano de toda terra e desta cidade, estou preparado para ingressar vivo na entrada do Tártaro pelo bem-estar dos cidadãos. Por isso, desejo firmemente que minha esposa e filhos e todas as minhas gerações futuras sejam protegidas, conforme prometido aos indolentes." E montado no cavalo, perante todos, cheio de entusiasmo e intrépido, como se estivesse indo a um banquete, em curso veloz, lançou-se na entrada já mencionada.

Et protinus quaedam auis in specie cuculi inde exiuit et ilico hiatus os suum compressit et omnis pestilentia abiit. Liberati itaque a tanta peste Romani ob summum beneficium memoriale ei statuerunt sempiternum. Cui equum, quia eo uectus pro cunctis mactatus est, adhibuerunt, auem uero, quae a specu exiuit, inter aures equi statuerunt et nanum, qui cum uxore eius concubuit, pedibus equi supposuerunt.

VI. De tertio signo aeneo. Tertium signum est imago Colossei, quam quidam statuam Solis existimant, alii Romae effigiem dicunt. De qua haec admodum miranda sunt, uidelicet quomodo tanta moles fundi potuit uel quomodo erigi aut stare mirum est. Fuit enim longitudo eius, ut scriptum repperi, CXXVI pedum. Stabat autem haec imago tam immensae magnitudinis in insula Herodii super Colosseum, XV pedibus altior eminentioribus locis et urbe. In manu dextera sphaeram gerebat et in sinistra gladium: per sphaeram mundum et per gladium uirtutem bellicam significabat, gladium autem ideo Romani sinistrae et sphaeram dextrae commiserunt, quia minoris uirtutis est quaerere quam quaesita seruare; unde quidam familiaris philosophiae sic ait:

“O faciles dare summa deos eademque tueri difficiles!”

Quare non ob aliam causam firmiori parti commiserere sphaeram et infirmiori gladium, nisi quia minori uirtute orbem sibi subiugauerunt quam subiugatum seruauerunt. Haec autem imago aenea tota auro imperiali deaurata per tenebras irradiabat. De qua longe ante omnia monstruosum fuit, quod continuo et equali motu cum sole circumferebatur, semper solari corpori faciem gerens oppositam: quare multi eam Solis imaginem credebant.

Logo em seguida, certa ave com a aparência de um cuco saiu de lá e imediatamente a abertura da fenda comprimiu-se e toda a peste desapareceu. Assim, os Romanos libertos de tamanha peste, por causa do supremo benefício, construíram-lhe um memorial sempiterno. Acrescentaram-lhe um cavalo, porque, ao transportá-lo foi sacrificado em favor de todos; a ave, por sua vez, porque saiu da cavidade, esculpiram-na entre as orelhas do cavalo e colocaram sob suas patas o anão que se deitou com a esposa de Quinto Quirino.

6. Sobre a terceira estátua de bronze. A terceira estátua é a imagem do Colosso, que alguns julgam ser uma estátua do Sol e outros dizem ser uma representação de Roma. A seu respeito, muitas coisas são admiráveis, é espantoso, por exemplo, de que maneira tanta massa pôde ser fundida ou de que modo pôde ser erguida ou estar de pé. Foi, certamente, o comprimento dela, como descobri nos escritos, de 126 pés.<sup>21</sup> Estava, no entanto, essa imagem de tão imensa magnitude, na propriedade de Heródio, acima do Coliseu, 15 pés<sup>22</sup> acima dos lugares mais elevados e da cidade. Na mão direita levava uma esfera e na mão esquerda uma espada: com a esfera representava o mundo e por meio da espada a virtude bélica; os Romanos puseram a espada na esquerda e a esfera na direita porque de menor virtude é buscar do que conservar o buscado, a respeito disso alguém íntimo da filosofia, assim diz:

“Oh, deuses, fáceis de dar a maior coisa, mas difíceis de protegê-la!”<sup>23</sup>

Por isso, e não por outra razão, à parte mais forte juntaram a esfera e à parte mais fraca a espada, pois, por menor virtude subjugaram todo o mundo do que conservaram o subjogado. Esta imagem de bronze, toda dourada de ouro imperial, irradiava nas trevas. De preferência a todas destacou-se, porque por um movimento contínuo e uniforme movia-se com o sol, sempre ao corpo solar levando a face oposta: por essa razão, muitos acreditavam ser uma imagem do Sol.

<sup>21</sup> Corresponde a 38,4m.

<sup>22</sup> Corresponde a 4,57m.

<sup>23</sup> LUCANO. *Bellum Civile*, I, 510-511. (Numeração correspondente a livro e verso, respectivamente.)

Hanc dum Roma floruit quicumque Romam ueniebat flexis genibus adorabat, Romae scilicet deferens honorem, cuius supplex uenerabatur imaginem. Hanc autem statuam post destructionem omnium statuarum quae Romae fuerunt et deturpationem beatus Gregorius hoc modo destruxit. Cum tantam molem multa ui et graui conamine non posset euertere, copiosum ignem idolo supponi iussit et sic immensum illud simulacrum in antiquum chaos et rudem materiam redegit. Ex quo tamen caput et manus dextera cum sphaera tanto superfuerunt incendio, quae nunc ante palatium domini papae duabus marmoreis erecta columnis mirandum spectaculum cunctis spectantibus exhibent. Nam cum horrendae magnitudinis sint, mira tamen laus artificis in his apparet. Nihil quippe habet perfecte pulcritudinis humanum caput uel manus, quod his ulla parte desit: miro enim modo ars fusilis in aere rigido molles mentitur capillos. Quod si quis defixis luminibus attentius inspexerit, moturo et locuturo simillimum uidetur: nullum namque signum, ut aiunt, tanta cura uel impensis in urbe conditum fuit.

VII. De ridiculoso simulachro Priapi. Est etiam aliud aeneum simulacrum, ualde ridiculosum, quod Priapum dicunt. Qui dimisso capite uelut spinam calcatam educturus de pede, asperam lesionem patientis speciem representat. Cui si demisso capite uelut quid agat exploraturus suspexeris, mirae magnitudinis uirilia uidebis.

Enquanto Roma floriu, qualquer um que chegava em Roma a adorava com os joelhos curvados, naturalmente, concedendo honra à cidade, cuja imagem o suplicante venerava. Por isso, o beato Gregório destruiu também esta estátua, depois da destruição e da deturpação de todas as estátuas que existiram em Roma. E como, com muita força e pesado esforço, não pudesse derrubar tão grande massa, ordenou que se fizesse uma grande fogueira ao redor do ídolo e, assim, aquela imensa estátua reduziu-se ao antigo caos e à rude matéria. Dela, contudo, a cabeça e a mão direita com a esfera resistiram ao incêndio, e agora exibem-nas diante do palácio do senhor papa, sob duas colunas, erguidas como um espetáculo admirável para todos os expectadores. De fato, não obstante a magnitude espantosa, deixam entrever o mérito digno de admiração do artífice. Nada há, pois, de formosura na cabeça ou na mão humana que aquelas partes não representem perfeitamente: na verdade, de modo admirável a obra fundida no bronze rígido imita suaves cabelos. Pelo que, se alguém com os olhos fixos as inspecionar atentamente, parece que há de mover e falar perfeitamente: nenhuma estátua de fato, como dizem, foi criada com tamanho cuidado e suntuosidade na cidade.



Ilustração que sugere a dimensão e a localização do Colosso de Nero, obra impressionante que ficava ao lado do Anfiteatro Flavio, que passou a ser conhecido como Coliseu.

7. A respeito da imagem cômica de Príapo. Há ainda outra imagem de bronze, muito ridícula, que dizem ser Príapo. Esta, com a cabeça inclinada tal como a tirar do pé um espinho cravado, representa a figura de um sofredor de dolorida lesão. Se olhares para descobrir o que ela faz, com a cabeça abaixada, verás um membro de admirável magnitude.

VIII. De multitudine statuarum. Inter uniuersa opera monstruosa quae Romae quondam fuerunt, magis miranda est multitudo statuarum quae 'Saluatio ciuium' dicebantur. Haec arte magica fuit consecratio statuarum omnium gentium quae Romano regno subiectae fuerunt. Nulla etenim gens siue regio subiecta fuit Romano imperio, cuius imago in quadam domo ad has consecrata non esset. Huius autem domus magna pars parietum adhuc restat et cryptae eius horridae et inaccessibiles apparent. In hac quondam domo praedictae imagines ex ordine stabant et quaelibet imago nomen gentis illius, cuius imaginem tenebat, in pectore scriptum habebat et tintinnabulum argenteum, quia omni metallo sonorius est, unaquaeque in collo gerebat, erantque sacerdotes die ac nocte semper uigilantes, qui eas custodiebant. Et si qua gens in rebellionem consurgere conabatur in imperium Romanorum, protinus statua illius mouebatur et tintinnabulum in collo eius sonuit et statim scriptum nomen illius imaginis sacerdos principibus deportabat. Erat autem supra domum his imaginibus consecratam miles aeneus cum equo suo, semper concordans motui imaginis lanceamque apud illam gentem diregens, cuius imago mouebatur. Hoc itaque non dubio indicio praemoniti, Romani principes sine mora exercitum ad rebellionem illius gentis reprimendam direxerunt, qui saepius hostes antequam arma et impedimenta paruissent praeuenientens, facile et sine sanguine eos sibi subiugauerunt. Fertur autem in eadem domo ignem inextinguibilem fuisse.

De hoc autem mirando opere artifex sciscitatus quam diu duraret, respondit illud duraturum donec uirgo pareret. Dicunt autem ingenti ruina militem praefatum cum domo sua corruisse ea nocte, qua Christus natus fuit de Virgine, et lumen illud ficticium et magicum extinctum est iure, cum lux uera et sempiterna oriri cepisset. Credibile est et malignum hostem potentiam fallendi homines deseruisse, cum deus homo esse cepisset.

8. A respeito do grande número de estátuas. Entre todas as obras extraordinárias que existiram outrora em Roma, a mais admirável é um conjunto de estátuas nas quais estava escrito “Salvação dos cidadãos”. A consagração das estátuas de todos os povos que foram submetidos pelo reino Romano aconteceu por arte mágica. Com efeito, não havia um povo ou mesmo região submetidos ao Império Romano cuja imagem, neste edifício, não tivesse sido consagrada. Desta construção, grande parte das paredes ainda resiste e suas criptas medonhas e inacessíveis estão aparentes. Outrora, elas estavam organizadas de modo ordenado neste edifício. No peito de cada uma estava escrito o nome dos povos a que pertenciam e traziam pendurada no pescoço uma sineta de prata, que é o metal mais sonoro de todos. Existiam, ainda, sacerdotes sempre vigilantes dia e noite para protegê-las. E, se um povo planejasse rebelar-se contra o império dos Romanos, a estátua dele movia-se para a frente e a sineta no pescoço dela ressoava e, imediatamente, o sacerdote levava aos superiores o nome escrito da tal imagem. Havia, também, em cima do edifício consagrado a essas imagens, um soldado de bronze com o seu cavalo, sempre acompanhando o movimento da imagem e dirigindo a lança para aquele povo, cuja imagem movia-se. E assim, prevenidos por este indício indubitável, os príncipes Romanos, sem demora, dirigiam o exército para conter a rebelião daquele povo e muito frequentemente surpreendiam os inimigos antes que providenciassem as armas e os equipamentos militares. Então, facilmente e sem sangue os subjugavam. Conta-se ter existido, ainda, um fogo inextinguível nesse edifício.

O artífice dessa obra admirável, questionado sobre quanto tempo duraria, respondeu que haveria de durar até que uma virgem desse à luz. Dizem, no entanto, que teria caído, em enorme ruína, o soldado mencionado junto com o edifício na noite em que Cristo nasceu da Virgem, e aquela luz fictícia e mágica fora extinta, com justiça, quando a luz verdadeira e sempiterna teria começado a surgir. Acredita-se que o inimigo maligno teria abandonado a potência de enganar os homens quando Deus teria começado a ser no homem.

IX. De ferreo simulacro Belloforontis<sup>24</sup>. Fuit etiam ingens miraculum Romae, ferreum simulacrum Belloforontis cum equo suo consistens in aëre, nec tamen ulla catena superius appensum nec inferius ullo stipite sustentatum. Set magnetes lapides arcus in uolsura circumquaque habebantur et hinc et inde in assumptione proportionali trahebatur et sic in mensura equiperata constabat. Erat tamen existimatio ponderis huius circiter XV milia librarum ferri.

X. De balneo Bianei Apollinis. Est etiam ualde mirandum balneum Bianei Appollinis quod Romae adhuc est. Hoc autem balneum Bianeus Apollo confectione quadam sulphuris et nigri salis et tartari arte miranda aeneo uase inclusa perfecit perfectasque termas cum una candela consecrationis incendit et perpetuo igne calentes effecit. Hoc quidem balneum ipse uidi et in eo manus laui datoque pretio balneari renui ob foetorem odoris sulphurei.

XI. De theatro in Heraclea. Theatrum autem admirabile in Heraclea de monte marmoreo inter monstruosa non pigebit referre. Quod quidem ita sculptum est, ut omnes cellulae mansionum et sedilia uniuersa per girum et exitus omnes et antra ex uno solidoque lapide sculpta sint. Uniuersum etiam hoc opus super VI cancos ex ipso monte sculptos innitur. Ubi nullus tam secrete aut solus aut cum alio loqui potest, quod omnes qui in circuitu sunt non audiant. Hactenus de eis quae maiore admiratione digna sunt diximus.

XII. Nunc uero pauca subiciam de signis marmoreis, quae paene omnes a beato Gregorio aut deletae aut deturpatae sunt. Quarum unam propter eximiae pulcritudinis speciem primum referam. Haec autem imago a Romanis Veneri dedicata fuit in ea forma, in qua iuxta fabulam cum Iunone et Pallade Paridi in temerario examine dicitur Venus se nudam exhibuisse. Quam temerarius arbiter intuens inquit:

“Iudicio nostro uincit utramque Venus.”

<sup>24</sup> O autor, provavelmente, errou a grafia do nome.

9. A respeito da estátua de ferro de Beleforonte. Notável prodígio em Roma foi também a estátua de ferro de Belerofonte com seu cavalo parado no ar, pois, nem estava suspensa por algum cabo na parte superior, nem sustentada por alguma base na parte inferior. Mas pedras magnéticas, formando um arco, estavam ao seu redor e ela era equilibrada dos dois lados, permanecendo no mesmo nível. Estimaram o seu peso em torno de 15 mil<sup>25</sup> libras de ferro.

10. A respeito do balneário de Apolo Biano. Digno de admiração é o balneário de Apolo Biano que até hoje se encontra em Roma. Apolo o construiu, por arte admirável, e em um vaso de bronze incluiu certa medida de enxofre e sal negro e tártaro, e com uma tocha de consagração acendeu as termas e tornou-as aquecidas com um fogo perpétuo. Vi este balneário, de fato, e nele lavei as mãos e, ao ser informado do preço do banho, recusei, por causa do odor de enxofre.

11. A respeito do teatro em Heracleia. Não passará despercebido, por sua vez, entre grandiosas edificações, o teatro admirável de Heracleia nas encostas de um monte de mármore. Ele, de fato, foi de tal forma esculpido que, todos os compartimentos dos camarotes, todos os assentos em volta e todas as saídas e antros fossem de um único bloco de pedra. Toda essa obra apoia-se sobre seis pinças esculpidas também do mesmo monte. Nesse, ninguém pode falar tão secretamente sozinho ou com outra pessoa porque todos que estão no entorno escutarão. É o bastante dizermos isso sobre essa obra, a qual é digna de maior admiração.

12. Agora verdadeiramente acrescentarei pouco a respeito das estátuas de mármore, pois quase todas ou foram destruídas ou deturpadas pelo beato Gregório. Mencionarei primeiro uma delas por causa da aparência de exímia beleza. Esta estátua, pois, foi dedicada pelos romanos a Vênus, na pose idêntica à da fábula em que, no temerário concurso com Juno e Palas, dizem Vênus ter se exibido nua para Páris. Quando o imprudente árbitro olhando-a atentamente disse:

“A meu ver, Vênus vence uma e outra.”<sup>26</sup>

<sup>25</sup> Corresponde a 6,803.89kg.

<sup>26</sup> Ovídio. *A arte de amar*, I, 248. (Numeração correspondente a livro e verso, respectivamente.)

Haec autem imago ex Pario marmore tam miro et inexplicabili perfecta est artificio, ut magis uiua creatura uideatur quam statua: erubescenti etenim nuditatem suam similis, faciem purpureo colore perfusam gerit. Videturque comminus aspicientibus in niueo ore imaginis sanguinem natare. Hanc autem propter mirandam speciem et nescio quam magicam persuasionem ter coactus sum reuisere, cum ab hospio meo duobus stadiis distaret. Non longe inde sunt equi marmorei mirandae magnitudinis et artificiosae compositionis. Hi autem, ut fertur, priorum comptistarum imagines fuerunt. Quibus ideo equi assignati sunt, quia uelocis ingenii fuerunt.

XIII. Iuxta hos sub duabus fornicibus recubant duae seniorum imagines ex marmore, quarum utraque porrigitur in longitudinem XL pedum. Harum alteram Salomonis effigiem dicunt, alteram uero Liberi Patris imaginem asserunt. Sed qui Bacus dicitur uiteam stipitem gerit in manu, qui uero Salomon appellatur sceptrum tenet in manu.

XIV. De palatio Cornutorum. Prope has est palatium Cornutorum, ampla quidem et altissima domus in qua quidem multae imagines sunt, sed omnes cornutae. Inter quas quaedam imago, quae longo ceteris maior est, Iupiter Arenosus dicitur, set alii, quibus magis credendum arbitror, dicunt Cornutos quandam familiam fuisse qui illud palatium aedificauerunt: hi autem in urbe uiri magni et clari, quoniam in hostes et ciues superbi fuerunt et feroces, et Cornuti sunt a ciuibus suis appellati.

XV. De palatio Cornutorum. Prope has est palatium Cornutorum, ampla quidem et altissima domus in qua quidem multae imagines sunt, sed omnes cornutae. Inter quas quaedam imago, quae longo ceteris maior est, Iupiter Arenosus dicitur, set alii, quibus magis credendum arbitror, dicunt Cornutos quandam familiam fuisse qui illud palatium aedificauerunt: hi autem in urbe uiri magni et clari, quoniam in hostes et ciues superbi fuerunt et feroces, et Cornuti sunt a ciuibus suis appellati.

Ora, esta escultura de mármore pário foi finalizada com arte tão admirável e inexplicável, que mais parece uma criatura viva do que uma estátua: com efeito, semelhante à que se enrubesce por causa da sua nudez, traz a face coberta por uma cor púrpura. E, parece, de perto, aos observadores da imagem, que o sangue inunda seu níveo lábio. Assim, em razão dessa admirável beleza e, de uma mágica persuasão que desconheço, três vezes fui coagido a revisitá-la, ainda que esteja dois estádios distante da minha hospedaria. Não longe dali, estão uns cavalos de mármore de admirável magnitude e compostos com muita arte. Estes, no entanto, como se conta, são imagens de cavalos atribuídas aos primeiros escultores, em razão de seu hábil engenho.

13. Perto destes, sob duas abóbadas reclinam imagens de mármore de dois anciãos, ambas medindo quinze metros de comprimento. Dizem que uma delas seria a efígie de Salomão e a outra, por sua vez, afirmam ser a imagem do Pai Liber. A que é dita ser Baco tem um galho de vinha na mão, e a que, de fato, é nomeada Salomão, tem um cetro.

14. A respeito do palácio dos Cornutos. Perto destas está o palácio dos Cornutos, de fato, amplo e altíssimo edifício no qual estão muitas imagens, todas com chifres. Entre elas, há uma que, de longe, é a maior de todas e dizem ser de Júpiter Arenoso. Outros, no entanto, nos quais julgo dever-se confiar mais, dizem estar representado alguém de uma tal família dos Cornutos que edificou aquele palácio: estes, homens importantes e ilustres na cidade, considerando que foram soberbos e ferozes aos estrangeiros e cidadãos, teriam sido chamados de Cornutos pelo povo.

15. A respeito do palácio de Diocleciano. Não posso omitir o palácio de Diocleciano, cuja amplíssima magnitude e composição admirável e de muita arte não sou capaz de descrever. De fato, é de tamanha magnitude que na maior parte de um dia inteiro não pude vê-lo por completo. Nele, percebe-se colunas de tamanha altura, que ninguém conseguiria arremessar uma pedra pequena até o seu capitel. Dedicados a elas, segundo ouvi dos cardeais, cem homens trabalhando intensamente levaram um ano para cortar, polir e concluí-las. Por isso, nego-me a falar do palácio, considerando que se disser a verdade, parecerei desviar-me da verdade.

XVI. De templo Palladis. Templum etiam Palladis opus quondam insigne fuit. Set multo sudore Christicolarum deiectum et longo senio dirutum, cum totum deleri non possit, pars quae residua est horreum est cardinalium. Ibi magna congeries est fractarum effigierum: ibi etiam armata imago Palladis, adhuc super altissimam testudinem exstans, amisso capite truncata mirandum spectaculum intuentibus exhibet.

Hoc idolum in maiore ueneratione erat apud ueteres Romanorum. Huic adducebantur Christicolae et quicumque flexis genibus Palladem non adorebat, diuersis poenis uitam terminabat. Ad hoc idolum uel simulacrum Hippolitus cum familia sua adductus, quia illud neglexit, equis distractus martyrium subiit.

XVII. Palatium autem diui Augusti non praetereo. Haec quidem amplissima domus admodum excellebat, iuxta excellentiam conditoris Augusti. Haec autem domus tota marmorea pretiosam materiam et copiosam aedificandis ecclesiis quae Romae sunt praebuit. De qua quoniam parum restat, pauca dixisse sufficiat. Restat autem inde quaedam particula solii, ubi haec scripta repperi: "Domus diui augusti clementissimi; qui cum esset dominus urbis et totius orbis, appellationem tamen domini omnino uitauit."

XVIII. Iuxta hoc palatium est murus quidam ex latere coctili descendens a summis montibus. Qui immensis fornicibus aqueductum sustentat, per quem amnis a montanis fontibus per spatium unius dietae urbi illabatur.

16. Sobre o templo de Palas. O templo de Palas também foi uma obra notável tempos atrás. Mas, derrubado por muito esforço dos cristãos e arruinado pelo passar do tempo, como não pode ser todo aniquilado, a parte restante serve de celeiro para os cardeais. Nesse lugar há uma grande pilha das estátuas destruídas; aí também está a imagem de Palas armada, até hoje existente sobre altíssimo pedestal em forma de tartaruga; abandonada, com a cabeça cortada, exhibe um admirável espetáculo aos observadores.

Este ídolo fora de maior veneração junto dos antigos Romanos. Os cristãos eram levados até ele e, independente de quem fosse, se ajoelhado não adorasse Palas, terminava a vida com diversos castigos. Hipólito e sua família foram conduzidos até este ídolo e, porque ele o desdenhou, sucumbiu em um martírio, esquartejado.

17. Não omito também o palácio do divino Augusto. Este edifício, de fato, muito amplo, destacava-se, assim como a excelência do restaurador Augusto. O palácio todo de mármore forneceu, ainda, matéria preciosa e abundante às igrejas que haveriam ser edificadas em Roma. Dele, porque resta pouco, basta ter dito essas poucas palavras. Resta desse lugar, no entanto, uma pequena parte do trono, onde encontrei a inscrição: "Casa do divino e clementíssimo Augusto que, embora tivesse sido senhor da cidade e de todo o mundo, evitou a todo custo o título de senhor."<sup>27</sup>

18. Próximo deste palácio está um muro que desce do topo dos montes, feito lateralmente de tijolo cozido. Com imensos arcos, sustenta um aqueduto sobre o qual escoia um rio, no período de um dia, das fontes montesas até a cidade.

<sup>27</sup> A respeito disso, pode-se ler no capítulo LIII da *Vida do Divino Augusto (Vita Divi Augusti)*, de Suetônio, que Augusto não permitia que nem seus próprios filhos e netos o chamassem de senhor (*dominus*), pois considerava uma adulação imprópria (*indecoras adulationes*) e chegou até mesmo a proibir isso em um rigorosíssimo edito (*gravisimo edicto*).

Qui aereis fistulis postmodum diuisus uniuersis palatiis quondam influebat. Fluuius etenim Tiberis, qui urbem perlabitur, equis utilis est, set hominibus inutilis et nocuus habetur. Quare a quattuor partibus urbis per artificiosos meatus Romani ueteres aquas recentes uenire fecerunt, quibus dum res publica floruit, quicquid libuit licuit. Iuxta murum aquaeductus, qui per Portam Asinariam descendit, est balneum Bianei Apollinis, quod una candela consecrationis semel accendit et perpetuo, ut praediximus, calentes effecit.

XIX. Prope hoc balneum est domus Aquilea et domus Frontoniana. Sed cui contigit uniuersa palatia urbis Romae sermone prosequi, cum nemini, ut arbitror, uniuersa uidere contingat? Nunc itaque palatium Tiberianum, opus quidem mirandum et immensum, praetereo, Neronis etiam palatium et diui Neruae mirabile edificium et Octauiani palatium transeo. Septem etiam solia mirae artis et altitudinis sileo, unde, ut aiunt, Ouidius inquit:

“Regia Solis erat sublimibus alta columnis,  
clara micante auro flammasque imitante pyropo.”

Esse rio, por canos de bronze, prosseguia, tempos atrás, abastecendo todos os palácios, pois o rio Tibre, que atravessa a cidade, é útil para os cavalos, mas é considerado inútil e prejudicial aos homens. Por essa razão, os antigos romanos fizeram chegar águas frescas das quatro partes da cidade por caminhos artificiosos e, enquanto a república floriu, o acesso a elas foi permitido para qualquer um. Junto ao muro do aqueduto, que desce pela porta Asinária, está o já citado balneário de Apolo Bianco, que o acendeu instantaneamente com uma única candeia de consagração e o manteve quente para sempre.



Ruínas de um antigo aqueduto romano, em um campo de trigo, perto de Roma, Itália.

19. Perto deste balneário está a casa Aquileia e a casa Frontoniana. Mas quem conseguirá descrever por meio de relatos todos os palácios da cidade de Roma, quando ninguém, como julgo, alcance ver todos? E assim, agora deixo de lado o palácio Tiberiano, obra, de fato, imensa e admirável, também o palácio de Nero e o do opulento Nerva, edifício maravilhoso, e passo ao palácio de Otaviano. Além disso, não me pronuncio sobre os sete sóis de arte e grandeza admiráveis, sobre o qual, como afirmam, Ovídio diz:

“O palácio do sol elevava-se sobre altas colunas  
brilhando com ouro cintilante e cobre imitando flamas”<sup>28</sup>

<sup>28</sup> OVÍDIO. *Metamorfoses*, II, 1-2. (Numeração correspondente a livro e verso, respectivamente.)

XX. De palatio LX imperatorum. Palatium etiam LX imperatorum describere quis poterit? Quod cum ex maiore parte lapsum sit, fertur tamen omnes Romanos huius temporis quod inde adhuc superest pro tota substantia sua non posse dissolvere.

XXI. De Pantheon. Pantheon autem breui transitu praetereo, quod quondam erat idolum omnium deorum, immo demonum. Quae domus nunc dedicata ecclesia in honore omnium sanctorum Sancta Maria Rotunda uocatur, antonomasice quidem a prima et potiore parte, cum sit omnium sanctorum ecclesia.

Haec quidem habet porticum spatiosam, multis et mirae altitudinis columnis marmoreis sustentatam. Ante quam conchae et uasa alia miranda de marmore porfirico et leones et cetera signa de eodem marmore usque in hodiernum diem perdurant. Huius domus latitudinem ipse mensus sum habetque spatium CCLXVI pedum in latitudine. Cuius quondam tectum deauratum fuit per totum, set immoderatus amor habendi et auri sacra fames Romani populi aurum abrasit et templum deorum suorum deturpauit. Qui ob inexplebilem cupiditatem, dum aurum sitiuit et sitit, a nullo scelere manum retraxit aut retrahit.

20. A respeito do palácio dos sessenta imperadores. Quem poderá, também, descrever o palácio dos sessenta imperadores? Embora grande parte esteja em ruína, é fato que ainda sobrevive em toda sua essência já que, juntos, todos os Romanos do seu tempo não puderam destruí-lo.

21. A respeito do Panteão. O Panteão também descrevo com uma breve menção; ele que, outrora, fora abrigo de todos os deuses e até dos demônios. A construção que agora é dedicada à Igreja e, em honra de todos os santos, é chamada de Santa Maria Rotunda; alcunha, certamente, vinda da sua posição de destaque, uma vez que a Igreja é de todos os santos.

Esta igreja possui um amplo pórtico sustentado por colunas de mármore de grande e admirável altura. Diante do qual, conchas, outros vasos admiráveis de mármore porfírico, leões e outras esculturas do mesmo mármore perduram até o dia atual. Quanto à largura desta igreja, eu próprio tratei da medida e possui extensão de 266 pés.<sup>29</sup> Tempos atrás, seu teto fora todo coberto de ouro, mas o desmedido amor do possuir e a avidez maldita do povo romano pelo ouro raspou o metal e desfigurou o templo dos seus próprios deuses. Por causa desse insaciável desejo, quem cobiçou e cobiça o ouro, de nenhum crime afastou ou afasta a mão.



<sup>29</sup> Corresponde a 81,08m.

XXII. De arcu triumphali Augusti. Prope hoc templum est arcus triumphalis Augusti Caesaris, in quo hoc epigramma scriptum reperri: "Ob orbem deuictum Romano regno restitutum et r.p. per Augustum receptam populus Romanus hoc opus condidit, uidelicet tantae uictoriae tantique triumphii perpetuum posteritatis monumentum." Est arcus ipse marmoreus et multiplex, in quo super exstantes longe tabulas lapideas erectae sunt imagines illorum, qui principes militiae fuerunt aut qui strenue pugnando perempti sunt uel aliquid memorandum in hostes gesserunt.

Inter quas imago Augusti maior ceteris, mira arte caelata, praecellit et ubi triumphat et ubi hostes superat, ab omnibus in pictura cognoscendus; praeterea in arcu praefato exercitus undique celatus et undique bella detestanda, quae cum intentius aspicias, uera bella uidere existimes.

Ibi opere mirabili Actiacum bellum simulatur, in quo Caesar praeter spem uictoriae superior factus in certamine Cleopatram biremi quadam fugientem persequitur. Cleopatra subducitur et apposisis aspidibus mammis suis in Pario marmore superba mulier moritura pallescit.

22. A respeito do arco triunfal de Augusto. Perto deste templo está o arco triunfal de César Augusto, no qual encontrei esta inscrição gravada: "A Augusto, por ter restituído todo o mundo vencido ao Império Romano e restabelecido a República, o povo construiu esta obra", como se vê, um monumento perpétuo para a posteridade por tamanha vitória e triunfo. O próprio arco é de mármore e com muitas voltas, ao longo do qual, por cima, estão, à vista, cenas esculpidas em pedras com imagens daqueles, que foram os principais do exército ou que foram mortos lutando vigorosamente ou realizaram algum ato memorável contra os inimigos.

Entre elas e maior de todas, a imagem de Augusto, reconhecível nesse painel, esculpida com arte admirável, que se sobressai, triunfa e supera os inimigos; além disso, gravado no arco mencionado há o exército por todos os lados e as guerras detestáveis em todas as partes, as quais, quando observares com muita atenção, terás a impressão de serem guerras reais.

Aí, nessa obra admirável, simula-se a guerra de Ácio, na qual César, diante da esperança da vitória, tornado superior no certame, persegue Cleópatra que foge em um navio de duas ordens de remos. Cleópatra é capturada e, tendo áspides junto a seus seios, no mármore pário, a soberba mulher torna-se pálida por causa da morte futura.



Restos do arco de Augusto, em Roma. Não se sabe se é parte do arco construído em Aziaco depois da vitória de Ácio em 29 a. C. ou se é do arco em Pártico, erigido em 19 a. C.

De hoc bello Caesar Augustus summum honorem attigit et hoc modo triumphauit: quattuor albi equi currum aureum, in quo sedebat togam auro et gemmis intextam indutus, trahebant, quos quattuor nobilissimi Romanorum duxerunt et ante eum longo ordine reges, duces ac principes captiui, manus post terga uincti, et innumerabiles alii celeberrimae pompae praeducebantur. Erantque bella eius et actus strenui lingua omnium gentium quae Romae habitabant composita, quae legere et cantare in triumpho populus non cessabat.

Praeterea autem et in tabulis uictoria eius depicta fuit, ut hi qui laudem eius audire non possent, eam cernerent. Celebri itaque cantu et inenarrabili iucunditate ipsum in Tarpeiam rupem usque ad Capitolium perduxerunt, ubi ipse arma, quibus in bello usus fuerat et quae hosti manu propria detraxerat, obtulit et in tholis signum tantae uictoriae suspendit. Ibique a senatu et patribus conscriptis et populo Romano sibi prouincia ultima dabatur, ut fama triumphi et laus tantae uictoriae per uniuersum orbem claresceret. Hanc rem gestam, ut praesenti relatione docui, arcus praetaxatus sculptis imaginibus per omnia representat.

A partir deste combate, César Augusto alcançou a suprema honra e deste modo triunfou: quatro cavalos brancos conduziam um carro de ouro, no qual sentava-se vestido com uma toga entretecida de ouro e pedras preciosas, quatro dos mais nobres dos romanos conduziam-no; diante dele, em uma longa fileira, reis, comandantes e príncipes capturados, com as mãos atadas nas costas, e outros inumeráveis eram levados na frente da celebradíssima comitiva. A guerra e os seus feitos vigorosos foram narrados na língua de todas as gentes que habitavam em Roma e o povo não cessava de lê-los e cantá-los no triunfo.

Depois disso, a vitória dele também foi retratada em um quadro, para que os que não pudessem ouvir o louvor dele o conhecessem. E assim, com célebre poesia e inenarrável simpatia, conduziram-no do monte Tarpeio até o Capitólio, no qual ele próprio suspendeu as armas que foram usadas no combate e as que arrancara com a própria mão do inimigo e expôs o símbolo de tamanha vitória na cúpula. E, então, pelo senado, pelos senadores e pelo povo romano foi-lhe dada a última província, já que a fama do seu triunfo e o louvor de tamanha vitória brilhasse por todo o mundo. Este evento histórico transmiti, como ensinei na presente exposição; o arco ornado o representa na totalidade por meio das cenas esculpidas.

XXIII. Vidi etiam alios arcus triumphales plures, sed huic opere et sculptura ualde similes. Quare et de qualitate aliorum dictum est, ubi arcus iste triumphalis descriptus est. Unusquisque etenim bellum uictoris et actus eius egregios, arte miranda caelatus, immensum decus priorum praesentibus representat.

XXIV. De arcu Pompeii. Est etiam arcus triumphalis Magni Pompeii, ualde mirandus, quem habuit de uictoria quam obtinuit uicto Mithridate et filio eius Pharnace. Hi Romanis per XL annos rebelles fuerunt. Qui ad ultimum pirates effecti Sullam contra eos missum superauerunt et in fugam conuerterunt. Ad quos postmodum missus Pompeius, ante mensem ultra spem Romanorum felici usus fortuna memoratum Mithridatem cum filio suo et copiis omnino deuicit. Postea autem, antequam Romam rediisset, magnam partem Orientis deuicit et Romanis tributarios effecit. Ubi immensum pondus auri et argenti quaesiuit, quod longo ordine Pompeiano triumpho praelatum est. Quod sculptura arcus triumphalis eius usque in hodiernum diem representat.

XXV. De columna triumphali Fabricii. Vidi etiam columnam triumphalem Fabricii, quam sibi deuicto Pyrrho rege Epirotarum Romani stauerunt. Qua ut arbitror nihil altius habet Roma: est enim columna ista rotunda et caua ad instar epicaustolii. Sunt etiam aliae quattuor ad similitudinem istius, quas Romani fistulas uocant marmoreas. Quae cum admodum grossae sint, uidentur tamen gracillimae ob nimiam altitudinem. Sed in quorum honore fuissent conditae nondum potui cognoscere, at cum fauente deo in \*\*\* ex hac peregrinatione rediero, denuo quae nunc ambigua sunt et quae penitus latent adhuc maiore mora et exercitatori indagatione perscrutabor et perscrutata gratanter amicis partibor. Nunc autem ad cognita redeo et columnam clari Fabricii redeo. Qui ab hoste Pyrrho approbatus hoc est eulogio descriptus.

23. Vi também outros tantos arcos triunfais, mas muito semelhantes a este, na obra e na gravação em relevo. E, por essa razão, falou-se a respeito da qualidade dos outros quando esse arco triunfal foi descrito. Cada um, pois, retrata a guerra do vencedor e os seus feitos egrégios, esculpidos com arte admirável – imensa glória dos mais importantes aos visitantes.

24. A respeito do arco de Pompeu. Há também o arco triunfal muito admirável do grande Pompeu, que o recebeu por causa da vitória que obteve sobre Mitrídates e o filho dele, Fárnaces. Esses dois foram inimigos dos romanos por quarenta anos e, finalmente, aliados aos piratas, com eficácia, venceram Sula, enviado contra eles, e o puseram em fuga. Até eles, pouco depois, Pompeu foi enviado e, antes de um mês, acima da expectativa dos Romanos, aproveitando as ocasiões propícias, venceu totalmente Mitrídates, seu filho e todas as tropas. Em seguida, no entanto, antes que tivesse retornado a Roma, submeteu grande parte do Oriente e os fez tributários dos Romanos. Nesse lugar, procurou obter uma grande quantia de peso em ouro e prata a fim de que, ao longo de uma procissão, fosse exibida no triunfo Pompeiano. A gravação em relevo do seu arco triunfal conserva até hoje esse acontecimento.

25. A respeito da coluna triunfal de Fabrício. Vi também a coluna triunfal de Fabrício, que os Romanos erigiram em sua honra ao vencer Pirro, rei dos Epiros. Como julgo, nada em Roma é mais alto do que ela: com efeito, essa coluna redonda é oca parecida com uma chaminé.

Existem também outras quatro à semelhança desta, as quais os romanos chamam de “fístulas marmóreas”. Elas, embora bem grossas, parecem, todavia, muito graciosas em vista da excessiva altura. Mas em honra de quem tivessem sido construídas, ainda não pude investigar, entretanto querendo Deus \*\*\* quando desta peregrinação tiver retornado novamente investigarei as que nos põe em dúvida e as que são um completo mistério e, investigadas com maior demora e com uma indagação mais apurada, compartilharei com os amigos. Agora, no entanto, retorno para os monumentos conhecidos e para a coluna do notável Fabrício, ele que foi admirado pelo inimigo Pirro, está descrito no seguinte elogio.

Cum Fabricius quendam Philippum Pyrrhi medicum domino suo unctum mitteret, quia uitam domini sui secum pro auro habuit, Pyrrhus legatis Fabricii respondit: "Nimirum hic est ille Fabricius, qui non facilius diuelli potest ab honestate quam sol a cursu suo!" Remisitque uniuersum aurum suum, quo Romam emere proposuerat, cum eam uiribus capere non posset. Unde Lucanus:

"Quo te Fabricius regi non uenditit auro."

Haec omnia et multa alia egregia facta Fabricii caelata sunt in praetaxata columna.

XXVI. De arcu triumphali Scipionis. Est etiam ibi arcus triumphalis Scipionis, qui sibi perempto Hannibale a Romanis est conditus. Hic cum durissimo hoste Romanorum Hannibale equo certamine dimicauit et Hannibalem uinci primus spem Romanis tribuit. Habuitque Hannibal domesticum demonem, qui illum cum Scipione monuit pacem facere. Inde datis indutiis ut sepelirentur interfecti, sanctito foedere per tri-duum, Hannibal colloquium singulare habuit cum Scipione. Cum autem conuenissent die quarto, duo mire magnitudinis canes ad locum colloquii Hannibalem sunt secuti. Quod cum Scipio nouisset, ad colloquium uenire noluit. Deinde inito prelio grauiter utrimque dimicatum est et coactus est Hannibal de castris suis confugere. Sequenti autem die grauissimo uictus certamine ad Lircum regem confugit. Cum quo iterum uictus Hannibal a Scipione, cum se uideret non posse euadere, hausto ueneno quod gestabat in anulo, dormiendo obiit. Liberati itaque a grauissimo hoste Romani, quem usque hodie detestantur et odiunt, uictori Scipioni arcum hunc triumphalem maximo sumptu statuerunt, in quo omnia supradicta et plura sculpta sunt.

Como Fabrício devolvesse a Pirro certo Felipe, seu médico capturado por ter tentado negociar a vida do seu senhor a preço de ouro, Pirro declarou aos embaixadores de Fabrício: “Certamente este é aquele Fabrício, que não mais facilmente pode ser afastado da sua honestidade quanto o sol do seu curso.” Reenviou todo o seu ouro, com o qual propusera subornar Roma, já que não pudesse tomá-la pela força. De onde Lucano:

“Por que a ti, Roma, Fabrício não vendeu ao rei por ouro.”<sup>30</sup>

Estas coisas e outros muitos feitos notáveis de Fabrício estão esculpidos na coluna ornada.

26. Sobre o arco triunfal de Cipião. Nesse lugar, há também o arco do triunfo de Cipião, que foi construído pelos Romanos após a aniquilação de Aníbal. Cipião, contra Aníbal, inimigo contumaz dos Romanos, combateu com a cavalaria no certame e, ao vencer Aníbal, foi o primeiro a conceder esperança aos Romanos. Aníbal consultou uma divindade doméstica, que o aconselhou a estabelecer a paz com Cipião. Daí, dada a trégua para que os mortos fossem enterrados e um pacto estabelecido pelo período de três dias, Aníbal teve uma conversa particular com Cipião. Como teriam de se reunir no quarto dia, dois cães de magnitude espantosa acompanharam Aníbal até o local do colóquio. Como Cipião tivesse tomado conhecimento disso, não quis vir para o colóquio. Depois, iniciado o combate, de um e de outro lado lutou-se violentamente e Aníbal foi coagido a refugiar-se em seus acampamentos. No dia seguinte, no entanto, derrotado em gravíssimo certame recorreu ao rei Lirco. Lá, como Aníbal fora vencido pela segunda vez por Cipião, e como parecesse a si não poder escapar, bebeu todo o veneno que trazia no anel e morreu dormindo. Assim, os Romanos, livres do crudelíssimo inimigo, que até hoje abominam e odeiam, ao vitorioso Cipião edificaram este suntuoso arco do triunfo, no qual todas as coisas ditas acima e muitas outras estão esculpidas.

<sup>30</sup> LUCANO. *Farsália*, III, 160. (Numeração correspondente a livro e verso, respectivamente.)

XXVII. De pyramidibus id est sepulcris potentum. Nunc autem de pyramidibus pauca subiciam. Sunt autem pyramides sepulcra potentum, mirae magnitudinis et altitudinis, in summitate acutae, figuram hemiconoidis referentes. Quarum prima quam uidi Romuli est. Hanc autem, ante castellum Crescentii sitam prope ecclesiam beati Petri, peregrini mentiuntur fuisse aceruum segetis Petri apostoli, quam cum Nero sibi rapuisset, in lapideum collem pristinae quantitatis fuisse conuersam. Quod omnino friuolum est, quo peregrini multum abundant. Habet autem pyramis quaelibet concham marmoream undique celatam infra se clausam, in qua corpus defuncti sepelitur.

XXVIII. De pyramide Augusti. Vidi etiam pyramidem Augusti prope Portam Latinam ex quadris lapidibus ferro compactis constructam, unde adhuc nulla uetustas lapidem unum diuellere potuit.

XXIX. Sunt autem Romae pyramides multae, sed omnium maiore admiratione digna est pyramis Iulii Caesaris, quae ex uno solidoque lapide porphyrico condita est. De qua ualde mirandum est, quomodo secari aut erigi aut stare potuit tantae altitudinis moles. Est enim, ut asserunt, altitudo eius CCL pedes. Habetque in summitate sphaeram aeneam, in qua cineres et ossa Iulii Caesaris condita sunt. De qua mirando quidam sic ait:

“Si lapis est unus, dic qua sit arte leuatus,  
Si lapides plurus, dic ubi congeries.”

Stat autem eo loco, ut aiunt, quo quidam Iulio occurrit contionem adeunti, deferens ei litteras factae in se coniurationis dolum denudantes. Ubi inter cetera continebatur, ipsum crudeliter obiturum si eo die contionem aut Capitolium intraret.

27. A respeito das pirâmides, isto é, dos sepulcros dos poderosos. Agora, no entanto, acrescentarei pouca coisa a respeito das pirâmides. As pirâmides são, pois, os sepulcros dos poderosos, de magnitude e altura admiráveis, pontiagudas no topo, que lembram uma figura cônica. Entre elas, a primeira que vi foi a de Rômulo. Ela foi erguida diante do castelo de Crescêncio, perto da igreja do beato Pedro. Sobre ela os peregrinos inventaram que teria sido de um monte da terra do apóstolo Pedro que, como Nero a tivesse saqueado, fora transformada em colina de pedra como era antes. Relato totalmente frívolo, do tipo que os peregrinos produzem em abundância. De qualquer modo, a pirâmide possui uma concha marmórea fechada por todos os lados escondida na parte inferior, na qual o corpo do falecido está sepultado.

28. A respeito da pirâmide de Augusto. Vi também a pirâmide de Augusto, perto da Porta Latina, construída com uma base de pedras combinadas com ferro, de onde, até agora, ninguém pode arrancar nenhuma pedra original.

29. Existem, no entanto, muitas pirâmides em Roma, mas de todas, a que é digna de maior admiração é a de Júlio César, que foi construída a partir de uma única e sólida pedra porfírica. Admira-se muito de que modo uma massa de pedra de tamanha altura pôde ser cortada, erguida e permanecer de pé. Na verdade, conforme dizem, a altura dela é de 250 pés. E possui uma esfera brônzea no topo na qual as cinzas e os ossos de Júlio César estão depositados. Dela, alguém ao admirá-la assim diz:

“Se a pedra é única, diz com que arte seja polida;  
Se as pedras são várias, diz que estão empilhadas”

Dizem também que está erguida no lugar em que alguém encontrou Júlio César, que se aproximava da assembleia, entregando-lhe uma carta que revelava o dolo da conspiração feita contra ele. Nela, entre outras coisas, constava que o próprio haveria de morrer com crueldade, se entrasse, naquele dia, no Capitólio ou na assembleia.

Qui cum litteras suscepisset, latori sic ait: "Nunc cum astronomico hoc sermonem habebō, post contionem litteras uestras uidebō". Vocauit itaque obuium sibi astronomicum, qui Caesarem moriturum in Kalendis praedixerat et inquit ei: "Hodie Kalende sunt et adhuc uiuo!" Cui astronomicus inquit: "Sunt quidem Kalendae, sed nondum transierunt et utinam mendax reperiar!" Et confestim Caesar inde diuertens Capitolium ingreditur. Ubi a Bruto et Cassio et eorum fautoribus XXIII stibiis confossus in Capitolio obiit. Dicit tamen Marius Suetonius, cui magis credo, quod capulis gladiatorum fuerit interemptus, unde et uulnus in eo non apparuit: quare in numero deorum eum raptum dicebant. Unde Maro in epitaphio eius ita inquit:

"Candidus insuetum miratur lumen Olympi.  
Daphnis ego in siluis, hinc usque ad sidera notus,  
Formosi custos pecoris formosior ipse, et cetera."

Litterae etiam praefatae in se coniurationis inuentae sunt in sinistra manu eius. Caesar itaque dominator et dominus orbis terrarum, qui primum libertate depressa sibi usurpauit imperium, paruo rogo in paruū redactus cinerem praedicta aenea sphaera clauditur. Hanc autem pyramidem peregrini "Acum beati Petri" appellant. Sub quo magno labore reptant ubi super IIII aeneos leones saxum fundatur mentiunturque mundum a peccatis et ueram perfecisse paenitentiam qui sub saxo repere potuerit.

Ele, ao receber a carta, assim diz a quem lha apresentou: "Agora, terei uma conversa com o astrólogo e depois da assembleia lerei a vossa carta." E assim, chamou até si o acessível adivinho, que predicara que César haveria de morrer nas calendas e disse a ele: "Hoje é o dia das calendas e até agora estou vivo." O astrólogo respondeu: "São, de fato, as calendas, mas ainda não passaram, e oxalá eu seja reconhecido mentiroso!" E imediatamente, César, afastando-se desse lugar, caminha para o Capitólio. Lá morreu trespassado por 24 golpes de Bruto, Cássio e seus apoiadores. Diz, também, Mário Suetônio, em quem mais acredito, que teria sido morto pelos punhos das espadas, por isso a ferida do golpe não apareceu nele: por essa razão, diziam ele ter sido arrebatado aos deuses. Donde Marão assim diz no epitáfio dele:

"Cândido, contempla o limiar extraordinário do Olimpo<sup>31</sup>  
Eu, Dáfnis, nas selvas, conhecido daqui até as estrelas,  
guardião de belos rebanhos, eu próprio o mais belo."<sup>32</sup>

A carta entregue antes da conspiração contra ele, no entanto, foi encontrada na sua mão direita. E assim, César, soberano e senhor de todo o mundo, o que primeiramente após restringir a liberdade, usurpou o império para si, foi reduzido a pouca cinza na pequena pira, e encontra-se encerrado na esfera de bronze relatada. Os peregrinos, no entanto, chamam esta pirâmide de "Agulha do beato Pedro". Sob ela com grande esforço arrastam-se, no lugar em que a pedra está apoiada sobre quatro leões de bronze, e imaginam purificados dos pecados e ter cumprido verdadeira penitência aquele que puder rastejar.

<sup>31</sup> VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Bucólica V, 56. (Numeração correspondente a livro e verso respectivamente.)

<sup>32</sup> VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Bucólica V, 43-44. (Numeração correspondente a livro e verso respectivamente.)

XXX. De pharo Alexandrino. Ingens etiam miraculum est pharum Alexandrinum, quomodo super IIII cancos uitreos in mare fundatum est, uidelicet quomodo tam magni cancri ex uitro fieri potuerunt et quomodo in mare portati et non fracti et quomodo cementicia fundamenta sub aquis cancris supposita durare possunt. Est etiam ualde mirandum, quomodo sub aqua durare potest cementum et quare cancri non frangantur in mari et quare non lubricat sub tanto pondere cementi fundamentum, quod magnum mirum est. Sed dicit Isidorus puluerem quendam huius naturae esse, quod aqua mixtum si soli aut igni apponitur, in pristinum puluerem redigitur, si uero aqua mergatur, solidatur et lapidescit. Set non est huius operis causas aperire mirabilium.

XXXI. Colosseum autem, palatium Titi et Vespasiani, transeo. Quis enim artificiosam compositionem eius et magnitudinem sermone exequi poterit? Iuxta hoc palatium est imago suis, quam Aeneas fetam iuxta uaticinium Priamidis Heleni legitur reperisse, signum uidelicet ciuitatis eo loco aedificandae, quam fata sibi dederant orbi toto imperaturam. De hoc signo Virgilius sic ait:

“Inuerta sub ilicibus sus alba solo recubans, albi circum ubera nati.”

Est autem hoc signum ex Pario marmore candidissimo mira arte perfecto reptantque circum ubera eius nati numero XXX.

XXXII. In porticu etiam ante hiemale palatium domini papae est imago aenea illius lupae, quae dicitur Remum et Romulum aluisse. Sed hoc quidem fabulosum est.

30. A respeito do farol Alexandrino. É um grande milagre também o farol Alexandrino, como pôde ser fixado por quatro ganchos de vidro no mar, isto é, como tão grandes ganchos de vidro puderam ser feitos e como puderam ser transportados para o mar e não se quebraram e como os alicerces de pedra britada, construídos sob as águas nos ganchos, puderam resistir. É também muito admirável como o cimento pôde endurecer sob a água e por qual razão os ganchos não se quebraram no mar e porque a base de cimento não se enfraquece sob tanto peso, isto é digno de grande espanto. Mas Isidoro diz que existe certo pó de natureza tal que misturado com a água e exposto ao sol ou ao fogo, reduz-se a pó novamente e, se for mergulhado na água mais uma vez, solidifica-se e transforma-se em pedra. Mas não é parte desta obra desvendar as causas dos prodígios.

31. O Coliseu, palácio de Tito e Vespasiano, no entanto, omito. Quem, com efeito, poderá expor sua engenhosa composição e grandeza por meio do discurso?

Próxima a este palácio está a estátua de uma porca que Eneias teria encontrado prenhe de acordo com o vaticínio do Priameu Heleno, símbolo, como se vê, da cidade que deveria ser edificada nesse lugar. Os fados ofereceram a ele uma cidade que haveria de imperar sobre todo o mundo. A respeito deste símbolo, Virgílio assim disse:

“Encontrada uma porca sob as azinheiras, branca, deitada sozinha, os filhotes brancos em torno das tetas.”<sup>33</sup>

Este símbolo de mármore pário branquíssimo, trabalhado com arte admirável, está intacto e rastejam, em torno das tetas dela, os trinta filhotes nascidos.

32. No pórtico, ainda, diante do palácio de inverno do senhor papa está uma escultura de bronze daquela loba, que dizem ter alimentado Remo e Rômulo. Mas isto, de fato, é uma fábula. Com efeito, a Loba foi, antigamente, em Roma, certa mulher de exímia beleza.

<sup>33</sup> VIRGÍLIO. *Eneida*, III, 390 e 392. (Numeração correspondente a livro e verso respectivamente.)

Haec Remum et Romulum in Tiberi proiectos inuenit et pro suis aluit. Quae ideo Lupa dicta est, quoniam pulchritudine sua et illecebris suis homines in amorem suum rapiebat. Haec autem lupa aenea arieti aeneo insidiatur, qui ante palatium praefatum aquam abluendis manibus ore emittit. Lupa etiam quondam singulis mammis aquam abluendis manibus emittebat, sed nunc fractis pedibus a loco suo diuulsa est.

XXXIII. Ante hanc aenea tabula est, ubi potiora legis praecepta scripta sunt. Quae tabula 'prohibens peccatum' dicitur. In hac tabula plura legi, sed pauca intellexi. Sunt enim afforismi, ubi fere omnia uerba subaudiuntur.

Ela encontrou Remo e Rômulo jogados no Tibre e os alimentou como seus. Foi chamada de Loba porque arrebatava os homens para o amor com sua beleza e seus encantos. Já a loba feita de bronze, no entanto, prepara emboscada para um carneiro de bronze, que diante do palácio mencionado solta água pela boca para lavagem das mãos. Ela também, outrora, soltava água para lavagem das mãos por cada uma de suas tetas, mas agora, quebrados os pés, foi arrancada do seu lugar.



Lupa Capitolina:  
loba com Rômulo e  
Remo.

33. Diante desta há uma tábua de bronze, onde estão escritos os mais importantes preceitos de lei. Quadro este que é chamado de “proibição dos pecados”. Neste quadro, li muitas coisas, mas entendi poucas. Na verdade, são aforismos; onde, quase sempre, todas as palavras estão subentendidas.

## Referências

- ANUNZIATO, Alberto Daniel. La deum sedes en la Edad Media. Las miradas del Maestro Gregorio y el legado de Roma. *Circe Clás. Mod. (en línea)*, Santa Rosa, vol. 14, n. 1, p. 1-14, 2010. Disponible en: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1851-17242010000100001&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17242010000100001&lng=es&nrm=iso)>. Acceso en: 2 fev. 2018.
- AUERBACH, Erich. *Introdução aos Estudos Literários*. Tradução de José Paulo Paes. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1987. 278 p.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. 196 p.
- CÍCERO. *Retórica a Herênio*. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005. 313 p.
- DE BELLO ciuili sive Pharsalia. Available at: <<http://www.thelatinlibrary.com/lucan.html>>. Accessed on: 12 july. 2018.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Amor a Roma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 520 p.
- GIBBON, Edward. *Os cristãos e a queda de Roma*. Tradução de José Paulo Paes e Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012. 88 p.
- GIORDANI, Mário Curtius. *História dos Reinos Bárbaros*: Idade Média II. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.
- LEITE, Leni Ribeiro. *Épica II*: Ovídio, Lucano e Estácio. Campinas: Ed. UNICAMP, 2016. 111 p.
- MAGISTRI Gregorii narratio de mirabilibus urbis Romae. Available at: <<http://www.medievalrome.eca.ed.ac.uk/narracio-de-mirabilibus-urbis-rome/magistri-gregorii-narratio-de-mirabilibus-urbis-romae>>. Accessed on: 12 july. 2018.
- MIRABILIA Urbis Romae. Available at: <<http://www.thelatinlibrary.com/mirabilia.html>>. Accessed on: 12 july. 2018.
- OVÍDIO. *Arte de amar*. Tradução, introdução e notas de Matheus Trevizan. Campinas: Mercado de Letras, 2016. 206 p.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho. São Paulo: USP, 2010.
- ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovich. *História de Roma*. Tradução de Waltensir Dutra. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. 305 p.
- SUETÔNIO; AUGUSTO. *A vida e os feitos do Divino Augusto*. Tradução de Matheus Trevizan, Paulo Sérgio Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 139 p.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2014. 896 p.
- VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Melhoramentos, 1982. 169 p.

## **Publicações Viva Voz de interesse para a área de estudos de tradução**

### **12 retextualizações: traduções comentadas**

Patrizia Collina Bastianetto (Org.)

### **Epistula ad Pisones**

Bruno Maciel (Org.)

Darla Monteiro (Org.)

Júlia Avelar (Org.)

Sandra Bianchet (Org.)

### **Oficina de tradução do francês: traduzindo quadrinhos II**

Maria Lúcia Jacob D. Barros (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: <[www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)>



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m<sup>2</sup> (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado.